



## APRESENTAÇÃO DA CAPA

No Brasil e no mundo é comemorado no dia 25 maio o “Dia da África” ou o “Dia da Libertação da África”, esta data foi instituída pela Organização das Nações Unidas – ONU porque no ano de 1963 no referido dia foi criada a Organização de Unidade Africana (OUA), que em 2002 se torna a União Africana. A data é comemorada em vários países africanos como Gana, Mali, Zâmbia, Namíbia e outros. Dessa forma, a capa da Edição Especial Dia da África, do 8º volume da Revista Em Favor de Igualdade Racial (Refir), número 03, buscam lembrar a importância desse continente para a história mundial, intelectuais como Paul Gilroy (2001) chama de Atlântico Negro, Édouard Glissant (2005) e Achille Mbembe (2018) de Crioulização.

A escolha das cores vermelho, preto e verde em listras verticais fazem alusão as cores do Pan-Africanismo, movimento filosófico, político, cultural e social da segunda metade do século XIX que objetiva o fortalecimento da África em escala internacional, combater o colonialismo europeu que ainda imperava mesmo diante da independência de alguns países africanos, e a defesa dos direitos e do desenvolvimento socioeconômico da população africana, dentro e fora da África.

São considerados os principais autores do movimento o estadunidense Edward Burghardt Du Bois e o jamaicano Marcus Musiah Garvey. Apesar de o termo Pan-Africanismo foi usado primeiramente pelo advogado de Trinidad e Tobago Sylvester Willians no ano de 1990 durante conferência de intelectuais negros realizada em Londres. Entretanto, o movimento ganha força durante o I Congresso Pan-africano, realizado em Paris em 19 de fevereiro de 1919, sob a liderança de Du Bois. No Brasil, a principal referência da difusão dos valores do movimento foi Abdias Nascimento que foram ressignificados para a realidade brasileira e traduzido como “Quilombismo” (2019).

Além disso, para compor a capa foi colocado ao centro a imagem do continente africano com traços que lembram as impressões digitais presentes nas polpas dos dedos, das quais cada pessoa tem um padrão distinto e que isto torna capaz a identificação dos indivíduos. Assim, esta ilustração no motiva a pensar a questão da ancestralidade, especificamente sobre o laço que o Brasil possui com o continente africano. Nosso país foi o que mais recebeu escravizados durante o tráfico transatlântico negreiro, quase metade, as estimativas de Eltis e Richardson (2010) apontam que foram cerca de 4,8 milhões de negros africanos que desembarcaram no país.



Resistindo a escravização e recriando novos laços sociais e afetivos, reinventando suas culturas, africanos tiveram papel central na formação econômica, cultural e social brasileira. Assim, não é coincidência que nosso país possui um íntimo vínculo ancestral com o continente africano, pensando a relação da identidade com a ancestralidade o filósofo Muniz Sodré afirma que “Sem ancestralidade não há nem se dá história” (2015, p. 77). Dessa maneira, neste dia gostaríamos de lembrar e evidenciar o importante papel da África tem no nosso cotidiano e o papel do pan-africanismo para a realidade pós-colonial.

**Profa. Ma. Andressa Queiroz da Silva**

Professora de Língua Portuguesa da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esportes do Acre (SEE/AC)  
Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac)  
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagem e identidade da Universidade Federal do Acre (PPGLI/Ufac)

**Esp. Kaliny Custodio do Carmo**

Bacharela em História e Especialista em Educação das Relações Étnico-raciais e História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena, ambas pela Universidade Federal do Acre (Ufac)  
Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Ufac (Neabi/Ufac)  
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagem e identidade da Universidade Federal do Acre (PPGLI/Ufac)

**Me. Maycon David de Souza Pereira**

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)  
Especialista em Educação das Relações Étnico-raciais e História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena pela Universidade Federal do Acre (Ufac)  
Coordenador de Ensino e Publicações do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac)  
Editor Gerente da Revista Em Favor de Igualdade Racial (Refir)

**REFERÊNCIAS**

ELTIS, David, e RICHARDSON, David. **Atlas of the Transatlantic Slave Trade**. New Haven & Londres: Yale University Press, 2010.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.



GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: Documentos de uma militância Pan-Africanista. 3. ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros**: Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. 3. ed. atual. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.